**ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE NEOPLASIAS MALIGNAS DO TRATO GENITAL FEMININO EM ALAGOAS DE 2014 A 2019**

socepis1@gmail.com Sociedade Cearense de Pesquisa e Inovações em Saúde

**Resumo:**  Os cânceres localizados na região anatômica do aparelho reprodutor feminino são responsáveis pelo maior número de casos de internações em território brasileiro. O estado de Alagoas é caracterizado por atividades econômicas ligadas principalmente a agricultura, e a maioria dos seus habitantes possuem índices de escolaridade abaixo da média do país, com uma baixa parcela de indivíduos com acesso à educação, é mais provável que lesões potencialmente malignas se desenvolvam, dessa maneira, o presente estudo procurou investigar o comportamento epidemiológico das neoplasias malignas do útero, ovário e de outras regiões dos genitais femininos no estado de Alagoas durante os últimos seis anos. Sucedeu-se então um estudo retrospectivo exploratório com a utilização do banco de dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH) do DataSUS, sobre a epidemiologia dessas neoplasias de janeiro de 2014 a dezembro de 2019. Foram analisadas as seguintes variantes: raça/etnia, faixa etária dos óbitos e perfil das internações. Entre 2014-2019 foram registrados 4.407 casos de internações por essa causa em território alagoano, e o câncer de uterino sozinho foi responsável por 70% das internações e a faixa etária dos óbitos encontra entre 40-59 anos. Ainda, foi observado que a etnia das mulheres mais acometidas por qualquer uma das neoplasias investigadas nesta pesquisa seria a parda. Foi possível concluir que houve um aumento discreto nos casos de neoplasias malignas localizadas na região reprodutora feminina durante os anos investigados e o grupo de alagoanas mais afetadas por essas doenças seriam pardas entre 40-59 anos.

**Palavras-chave/Descritores:** DATASUS. Câncer de útero. Alagoanas.

**Área Temática:** Tema livre.

1. **INTRODUÇÃO**

Segundo o Instituto Nacional do Câncer (INCA), os cânceres de ovário e útero constituem as neoplasias ginecológicas mais frequentes no Brasil, e apenas para 2020 estima-se que 30.000 novos casos sejam registrados (INCA 2020). Sua etiologia está diretamente ligada a fatores genéticos e ambientais, tais como a exposição ao Papilomavírus Humano (HPV), idade e histórico familiar. O HPV merece especial destaque, uma vez que, este pode acometer tanto indivíduos do sexo feminino quanto do masculino. Entretanto, para as mulheres esse vírus representa uma das principais causas para o desenvolvimento do câncer de colo do útero no mundo, infectando 2.784 milhões de mulheres por ano, estando presente com maior frequência em países em desenvolvimento (FARIAS 2018).

Diferentemente de outros tipos de cânceres que possuem sua carcinogênese ligada a eventos genéticos como o câncer de ovário, o câncer de colo uterino poderia ter seus números reduzidos com acompanhamentos médicos periódicos e métodos de prevenção a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (MEDEIROS et al. 2005).

A educação se apresenta como uma importante ferramenta a favor da prevenção ao HPV, de acordo com o conhecimento científico, indivíduos que tiveram a oportunidade de presenciar aulas que tratavam do tema utilizam preservativos com maior frequência. Entretanto, fatores como inserção social e cultural devem ser precisamente analisados, pois, o acesso a esse tipo de educação nem sempre está disponível na esfera pública de ensino. Tais afirmações são embasadas através de pesquisas que informam que a pobreza é em si, pode ser determinante para a contração de ISTs (SAITO et al. 2000).

O estado de Alagoas tem a sua população feminina estimada em 1,5 milhão de cidadãs. Levando em consideração que essa região possui um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDHM) do país (0,631), a maior taxa de analfabetismo do Brasil e atividades econômicas baseadas principalmente voltadas para a agricultura e turismo, assim, é esperado que a maioria das mulheres residentes desse estado já tenha utilizado ou utilize apenas o Sistema Único de Saúde (SUS) para as suas consultas ginecológicas e que estas não tenham tido acesso a uma educação sexual preventiva. Esses dados podem estar estendidos a nível nacional, pois, apesar da ampla divulgação, e campanhas relacionadas a ISTs e tumores ovarianos e uterinos, cerca de 6 milhões das mulheres brasileiras não têm o hábito de ir ao médico ginecologista e 4 milhões nunca procuraram atendimento com esse profissional (ALBUQUERQUE 2019).

Tais aspectos devem ser cuidadosamente avaliados no estado de Alagoas, pois, considerando seus aspectos históricos e sociais, dezenas de alagoanas podem estar expostas a diversos fatores de risco para o desenvolvimento de neoplasias malignas localizadas na região anatômica reprodutora. Diante do exposto, o objetivo do presente estudo foi investigar o comportamento epidemiológico das neoplasias malignas do trato genital feminino no estado de Alagoas durante os últimos seis anos.

1. **METODOLOGIA**

Os dados para a realização deste estudo foram extraídos da plataforma *online* do Ministério da Saúde Brasileiro (DATASUS), onde sucedeu-se uma pesquisa retrospectiva exploratória. Essa ferramenta dispõe de informações acerca do Registro de Câncer de Base Populacional (RCBP) e Registros Hospitalares de Câncer (RHC), englobando informações de diagnóstico e sobre a epidemiologia das internações por câncer de ovário, útero e outras regiões genitais distribuídos por todo território nacional. Ao todo, foram incluídas na pesquisa todos os dados do estado de Alagoas que compreendem as neoplasias malignas localizadas na região do trato genital feminino disponíveis na plataforma (ovário, corpo do útero, colo do útero e outras regiões) durante o período de janeiro de 2015 a dezembro de 2019. Ainda, foram analisadas as seguintes variantes: internação, raça/etnia, faixa etária e número de óbitos. Para determinar se os registros de neoplásicas estudadas eram estatisticamente significativas foi adotado uma significância de 5% em um intervalo de confiança de 95%.

1. **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com os resultados obtidos nesse estudo, foram encontrados um total 4.407 registros de internações em território alagoano nos últimos seis anos devido a neoplasias malignas do colo e corpo do útero, de outros órgãos genitais femininos, e também neoplasias malignas de ovário (Tabela 1.1), ao observar os dados percebe-se um aumento discreto dos números de internações em Alagoas durante esse período de tempo. A fim de determinar qual dos tipos de neoplasias do trato genital feminino seria responsável pela maior incidência dos casos no estado, uma segunda análise foi realizada, e o câncer de útero se mostra como o mais frequente (Tabela 1.2).

**Tabela 1.1.** Total de neoplasias ligadas ao trato genital feminino registradas em Alagoas, Brasil, durante 2014-2019

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Ano** | **Casos** | **%** |
| 2014 | 553 | 12% |
| 2015 | 627 | 14% |
| 2016 | 629 | 14% |
| 2017 | 890 | 22% |
| 2018 | 852 | 19% |
| 2019 | 856 | 19% |
| **Total** | **4.407** | **100%** |

Fonte: DATASUS, 2020.

Seguindo um padrão mundial, o câncer uterino se apresenta como o mais disseminado na população feminina do estado em relação aos outros tipos de carcinomas incluídos nesta pesquisa, uma vez que, neoplasias malignas com sua carcinogenêse ligada a fatores ambientais possuem uma maior probabilidade de acometer indivíduos, reafirmando assim a necessidade da prevenção primária do câncer que objetiva a promoção de ações de saúde pública destinadas a reduzir ou eliminar os fatores de risco para a doença (GOMES-CARNEIRO et al.1997) o câncer uterino sozinho foi responsável por 3.099 internações no estado de Alagoas (Tabela 1.2).

**Tabela 1.2:** Neoplasia maligna do colo do útero e neoplasias malignas de outras porções do útero, durante o período: 2014-2019 em Alagoas, Brasil.

|  |  |
| --- | --- |
| **Ano** | **Casos** |
| 2014 | 434 |
| 2015 | 446 |
| 2016 | 450 |
| 2017 | 604 |
| 2018 | 591 |
| 2019 | 574 |
| **Total** | 3.099 |

Fonte: DATASUS, 2020.

Já com relação ao câncer ovariano, que possui a sua carcinogenêse ligada a fatores genéticos, como mutações nos genes BRCA1 e BRCA2 que ocorre em 90% dos cânceres de ovário, sua incidência no estado foi menor, em seis anos foram contabilizados apenas 35 casos (Tabela 2). Vale ressaltar que no câncer hereditário as neoplasias malignas tornam-se mais comuns em indivíduos de uma mesma família, pois, segundo o padrão de herança mendeliano, a prole tem 50% de chance de herdar mutações, independentemente do sexo (DANTAS et al. 2009). Outras neoplasias malignas localizadas do trato genital feminino, somaram 1.169 casos (Tabela 2.1).

|  |  |
| --- | --- |
| **Ano** | **Casos** |
| 2014 | 125 |
| 2015 | 159 |
| 2016 | 147 |
| 2017 | 265 |
| 2018 | 233 |
| 2019 | 240 |
| **Total** | 1.169 |

**Tabela 2.1.** Outras neoplasias malignas localizadas no trato genital feminino de 2014-2019 em Alagoas, Brasil.

Fonte: DATASUS, 2020.

**Tabela 2.2** Neoplasia maligna de ovário durante o período: 2014-2019 em Alagoas, Brasil.

|  |  |
| --- | --- |
| **Ano** | **Casos** |
| 2014 | 5 |
| 2015 | 2 |
| 2016 | 6 |
| 2017 | 9 |
| 2018 | 7 |
| 2019 | 6 |
| **Total** | 35 |

Fonte:DATASUS, 2020.

Correlacionando a taxa de incidência das neoplasias e a faixa etária das pacientes, observou-se que a partir dos 20- 29 anos de idade começa a ocorrer um aumento dos casos devido a essas doenças, os números aumentam principalmente na transição dos 40-50 anos. Esses dados se estendem para os obituários, tendo em vista que, de acordo com os nossos resultados, é nessa faixa etária que acontecem os maiores índices de morte (Tabela 3). Nossos dados estão de acordo com literatura, pois observa-se que a média de idade ao diagnóstico do câncer ovariano hereditário e de outras neoplasias ligadas a fatores genéticos encontra-se variando entre 42,7 anos e 48 anos, já com relação ao diagnóstico para casos esporádicos, a idade correspondente começa a partir dos 55 até aos 61 anos (DANTAS et al. 2009).

**Tabela 3.** Óbitos por neoplasia maligna do útero, outras neoplasias malignas órgãos genitais femininos e neoplasia maligna do ovário, 2014-2019 em Alagoas, Brasil.

|  |  |
| --- | --- |
| **Faixa etária** | **Óbitos** |
| 1-4 anos | 1 |
| 15-19 | 4 |
| 20-29 anos | 18 |
| 30-39 anos | 64 |
| 40-49 anos  | 118 |
| 50-59 anos  | 120 |
| 60-69 anos  | 94 |
| 70-79 anos  | 73 |
| 80 anos e mais  | 14 |
| **Total** | **506** |

Fonte: DATASUS, 2020.

Foram analisadas também as etnias das pacientes, uma vez que, de acordo com os postulados de Ventura (2009) é notável que uma parcela da população, esteja mais propicia a contrair determinada infecção, como adolescentes pertencentes a uma minoria étnica. Entretanto, é importante atenção para a avaliação desses dados, uma vez que, 946 mulheres diagnosticadas com pelo menos uma das neoplasias analisadas nessa pesquisa não tiveram informações disponíveis para esse aspecto na plataforma do SUS. De todo modo, foram reunidos os resultados disponíveis para esta análise, de tal forma, foi observado que as mulheres pardas apresentam os maiores índices de desenvolvimento de neoplasias ligadas ao sistema reprodutor (Tabela 4.)

**Tabela 4.** Casos de neoplasia maligna do colo do útero e neoplasias malignas de outras porções do útero, durante o período: 2014-2019 por etnia em Alagoas, Brasil.

|  |  |
| --- | --- |
| **Raça/etnia** | **Casos** |
| Branca | 135 |
| Preta | 42 |
| Parda | 3.292 |
| Amarela | 39 |
| Indígena | 1 |
| Sem informação | 946 |

Fonte: DATASUS, 2020.

1. **CONCLUSÃO**

Com base nos dados encontrados nessa pesquisa é possível aferir que os casos de neoplasias malignas localizadas no trato genital feminino, entre os anos de 2014 a 2019 no estado de Alagoas apresentaram uma pequena crescente e o câncer uterino é responsável por mais de 70% dos casos analisados. A quantidade de óbitos por faixa etária por essas malignidades se concentra entre os 40-59 anos, onde o maior grupo étnico atingindo são as mulheres pardas. De modo geral, esses dados revelam que a carcinogenêse dessas regiões anatômicas continuam se perpetuando entre um grupo de pessoas, assim os resultados apresentados podem servir como base para um programa de prevenção e autocuidado, trazendo benefícios para os gestores, profissionais e usuários da saúde pública e privada do país.

**REFERÊNCIAS**

DANTAS, E. L. R. et al. Genética do câncer hereditário. **Rev Bras Cancerol**, v. 55, n. 3, p. 263-9, 2009.

GOMES-CARNEIRO, Maria Regina; RIBEIRO-PINTO, Luís Felipe; PAUMGARTTEN, Francisco José Roma. Fatores de risco ambientais para o câncer gástrico: a visão do toxicologista. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, p. S27-S38, 1997.

MEDEIROS, V. C. R. D. et al. Câncer de colo de útero: análise epidemiológica e citopatológica no estado do Rio Grande do Norte.**Rev bras anal clin**, v. 37, n. 4, p. 227-31, 2005.

MARTINS, Emanuella Margareth Lima Rolim. **A necessidade de médicos especialistas em Ginecologia/Obstetrícia para o Sistema Único de Saúde-SUS no estado de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Políticas públicas), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

FARIAS, Karol Fireman de. **Análise da infecção do HPV em amostras cervicais de usuárias atendidas no Sistema Único de Saúde do Agreste alagoano**. Tese (Doutorado em biotecnologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

Câncer de ovário. **Instituto Nacional do Câncer (INCA)**, 2020. Disponível em: < https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-de-ovario >. Acesso: 20 de julho 2020.

Câncer de colo de útero. **Instituto Nacional do Câncer (INCA)**, 2020. Disponível em: < https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-do-colo-do-utero >. Acesso em: 20 de julho de 2020.

 ALBUQUERQUE, Flávia. **56 milhões de brasileiras não vão ao ginecologista**, 2019. Disponível em: < https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-02/pesquisa-56-milhoes-de-brasileiras-nao-vao-ao-ginecologista >. Acesso em: 20 de julho de 2020.

VENTURA, Miriam. Direitos reprodutivos no Brasil. In: **Direitos reprodutivos no Brasil**. UNFPA, 2009.